

A amizade em o senhor dos anéis: uma abordagem aristotélica

The friendship in the lord of the ring: an aristotelian approach

Fernando Matheus de Andrade¹

Resumo: Este presente artigo tratará de uma análise acerca da Amizade que se encontra na obra *Ética a Nicômaco* de Aristóteles em analogia a obra de J.R.R. Tolkien, *O Senhor dos Anéis*. Percebe-se que no mundo pós-moderno a amizade é dita como simples relação utilitária que não leva ao homem a considerar o próximo como “outro eu”, por isso este artigo terá como foco resgatar a amizade como virtude proposta por Aristóteles se colocando como exemplificação na maior obra de fantasia do século XX: *O Senhor dos Anéis*. A amizade se encontra na compreensão ética aristotélica e principalmente na jornada da Demanda do Anel em busca da *eudaimonia*, na busca da justa medida; as personagens têm que vencer os seus vícios com práticas virtuosas que se realizam no convívio dos amigos sejam elas benevolentes ou perfeitas.

Palavras-chave: Aristóteles – Tolkien – amizade – virtude – filosofia – fantasia.

Abstract: This present article will deal with an analysis about the Friendship that is found in the Nicomachean Ethics of Aristotle in analogy to the work of J.R.R. Tolkien, *The Lord of the Rings*. It is noticed that in the postmodern world, friendship is said to be a simple utilitarian relationship that does not lead man to consider his neighbor as “another me”, so this article will focus on rescuing friendship as a virtue proposed by Aristotle, placing himself as a example in the greatest work of fantasy of the 20th century: *The Lord of the Rings*. Friendship is found in the Aristotelian ethical understanding and mainly in the journey of the Quest for the Ring in search of *eudaimonia*, in search of the right measure; the characters have to overcome their addictions with virtuous practices that are carried out in the company of friends, be they benevolent or perfect.

Keywords: Aristotle – Tolkien – friendship – virtue – philosophy – fantasy.

1. Introdução

Utilizarei do processo metodológico hermenêutico fenomenológico para buscar analisar se existe como se conciliar a filosofia com a fantasia tematizando com o conceito de Amizade presente em *Ética a Nicômaco* de Aristóteles e o interpretando dentro da obra de John Ronald Reuel Tolkien, *O Senhor dos Anéis*. Optei pelo método hermenêutico fenomenológico porque sendo que aquilo que Tolkien expressa em sua obra creio não se tratar apenas de uma história

¹ Fernando Matheus de Andrade, bacharel em Filosofia pela Puc-Campinas estudante do curso de teologia pela mesma instituição de ensino superior e pós-graduando em Sagrada Escritura pela instituição Claretiano de Ensino.

de fadas que não se fundamenta a nada, mas sim algo que se apresenta como expressão de sua própria compreensão filosófica, ou seja, como forma de expressão da história do livro, as suas personagens, as emoções das mesmas demonstra que o mundo da Terra-Média se mostra como que manifestação de sua consciência imaginativa, por isso é possível interpretar a forma como se pensa a Amizade, principalmente.

Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, irá dizer que toda a ação que o homem faz é em vista à busca pelo seu fim último, que é a felicidade (ARISTÓTELES, 2021), decorrida de práticas boas, ou seja, toda a ação boa é mediada pela sua felicidade e essa mediação ele denota como virtude. As virtudes humanas são muito presentes no *Senhor dos Anéis*, principalmente, no que diz respeito ao desenrolar da história: é a partir das práticas virtuosas dos heróis que a trama se encaminha.

Assim, *O Senhor dos Anéis* é entremeado de exemplos virtuosos, porém, já dizia o próprio autor, não se pode limitar a ver uma figura de um herói bom que faz as coisas certas o tempo todo; a dinâmica da história está envolvida nas vitórias e derrotas das próprias personagens em suas virtudes e em seus vícios. Assim, o final eucatastrófico, que é o final feliz, perpassa pelo fim discatastrófico, ou seja, por conta dos vícios das personagens não é negado o fracasso e o pesar na missão, mas percebe-se que essa condição ajuda na vitória do bem, como quando Frodo sofre diversas provações em seu caminho até Mordor e que se tem até no final a sua queda sobre a influência do Anel, mas que ajuda a destruí-lo. Então, a felicidade almejada pelo *O Senhor dos Anéis* está mais vinculada não a apenas um fim comum que é a destruição do mal, mas sim, e primordialmente, a realização individual de cada personagem resultando na contenda final.

A condição da realização da Demanda do Anel está aí: a amizade recíproca que permeia todos os protagonistas que se torna estado de vitória do bem sobre a maldade de Sauron. Por si, a amizade feita como que por utilidade é revelada no conflituoso Smeágol que vela as suas reais intenções de roubar o anel de Frodo e finge ser bom ao ponto do hobbit duvidar de seu único companheiro Sam. Gollum ama não aos hobbits, mas a ele mesmo e pensa aquilo que é agradável para ele, por isso se torna inconstante em diversos momentos da história. Por fim, é justo dizer que existe sim uma amizade perfeita em *O Senhor dos Anéis*; é a amizade entre Frodo e Sam. Até o capítulo décimo do segundo livro *As Duas Torres*, a relação entre os dois era de patrão e empregado ao ponto que Sam era jardineiro de Frodo no Condado. Sam via em seu patrão exemplo de virtude e muitas vezes ele ficava de lado vendo o seu patrão deliberar as melhores decisões, porém ao chegarem ao seu destino final que é Mordor, o Anel começa a

influenciar e a enfraquecer Frodo assim, Sam passa a suprir a falta de virtude que, agora, o seu amigo tem, por isso o título desse capítulo décimo é *As Escolhas do Mestre Samwise*. Eles se tornam semelhantes em virtude, então quando um está fraco o outro o supri, pois “[...] desejam o bem uns aos outros quando são bons em si mesmos. Aqueles que desejam o bem a seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiros” (ARISTÓTELES, 2021, p.185).

2. As virtudes na obra *O Senhor dos Anéis*

Antes de investigar especificamente sobre a questão da amizade é justo se falar sobre a compreensão de ética para Aristóteles e como as virtudes podem sofrer o princípio da “aplicabilidade” dentro de *O Senhor dos Anéis*, já que “[...] ela [a amizade]² é uma virtude, ou implica virtude” (ARISTÓTELES, 2021, p.181)³.

O que se fundamenta como mais nobre para o homem é o bem, já que todos os homens o procuram; e como já refletido, esse bem é a felicidade que “[...] é um fim em todos os sentidos” (ARISTÓTELES, 2021, p. 29) e é em si “[...] um primeiro princípio, pois é por causa dela que todos nós fazemos tudo que fazemos, e o primeiro princípio e causa dos bens é, afirmamos, algo valioso e divino” (ARISTÓTELES, 2021, p. 31).

Se é algo valioso e divino não pode pertencer a elementos que se alteram ou que propiciam a alteração como os pertencentes a alma vegetativa e a alma sensitiva. Por isso, a felicidade pertencerá à alma intelectiva e que é por ela que nossas ações devem se pautar gerando uma boa vida (ARISTÓTELES, 2021). Então, “[...] a função do homem [...], é o exercício de suas capacidades vitais (ou alma), de um lado em obediência à razão e de outro lado com o uso da razão” (ARISTÓTELES, 2021, p. 21). E a função do homem bom será de acordo com uma excelência ou virtude e quanto mais a prática mais o aproxima da felicidade (ARISTÓTELES, 2021). A felicidade será, portanto, um resultado da virtude, já que é por meio das atividades virtuosas que o homem alcança a felicidade.

O doutor Marcelo Perine (2006), em seus estudos, faz uma reflexão acerca da ética aristotélica, afirmando ser ela fundamentada em uma vida do espírito já que é na alma “[...] que é propriamente o homem, existe uma parte que comanda, a racional, e uma que obedece, a irracional” (PERINE, 2006, p. 12). Ademais, investigando sobre a felicidade, percebe que ela

² Colchete meu

³ A tradução é de Maria Stephania da Costa Flores e a obra foi publicada pela editora Principis, e nesse livro não há divisão da citação clássica, por isso adotarei a citação convencional.

se pauta em uma metafísica cosmológica da finalidade, constituída como dever, ou seja, o homem que deseja ser feliz almeja por isso e tem como tarefa encontrar os meios para se chegar ao fim, o qual define sua essência (PERINE, 2006).

Aristóteles no livro II de *Ética a Nicômaco*, faz uma longa reflexão sobre os dois tipos de virtudes: sendo uma moral e outra intelectual. De modo geral, nos primeiros parágrafos, Aristóteles irá dizer que o *ethos* deve ser praticado e não nos vem como que naturalmente, do mesmo modo que “[...] estamos adaptados por natureza para recebê-las, e elas são aperfeiçoadas pelo hábito” (ARISTÓTELES, p. 36, 2021) e, que após um longo exame, define-se virtude como estado de caráter que se envolve na escolha particular que faz da pessoa boa pela sua prática (ARISTÓTELES, 2021).

No capítulo segundo de *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel* intitulado como *A Sombra do Passado* temos um diálogo que nos remete a compreensão aristotélica do princípio da reta razão a qual a natureza de nossos atos está apontada e como isso se implica no conceito de virtude. Depois de Bilbo ter dado o Anel a Frodo (capítulo primeiro de *A Sociedade do Anel*), Gandalf explica a Frodo a origem do Anel e após revelar ao pequeno hobbit que o Senhor de Mordor estava vivo novamente e que não tinha mais tempo para que Frodo recusa-se assumir seu papel e destruir o objeto há um breve diálogo: “Gostaria que não tivesse que acontecer no meu tempo, afirmou Frodo. Eu também, assentiu Gandalf. [...] Tudo o que temos que decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado” (TOLKIEN, 2020, p. 104)

À essa afirmação, o Mago Cinzento demonstra algo muito importante para os nossos estudos: que a noção aristotélica da causa da ação não pode ser compreendida sem a decisão racional (*proairesis*), pois é necessário que a excelência da virtude esteja na observância decisiva da reta razão, ou pautada na alma racional (PERINE, 2006). Assim, “[...] o valor [do ato moral]⁴ não está na ordenação à contemplação, mas em ser prescrito pela razão” (PERINE, p. 20, 2006) o qual depende inteiramente da compreensão aristotélica de *phronesis* (decisão). Em consonância, a primeira definição da relação de *phronesis* com as virtudes da prática se dá pela ênfase de Gandalf ao dizer que temos que saber o que fazer com o tempo que nos foi dado. De igual maneira, o filósofo antigo diz que a virtude é exercida pelo hábito, e o hábito não é adquirido em ato, pois é necessário ter-se um trabalho, um tempo para adição da mesma (ARISTÓTELES, 2021). E percebe-se que o escopo da obra de *O Senhor dos Anéis* irá perpassar pelo conceito de *phronesis*, o qual se introduz a ideia do dever pela determinante da mediação da reta razão (PERINE, 2006). E o homem, é a fonte determinante do ato de decidir.

⁴ Colchete meu.

A obra de *Ética a Nicômaco*, deve ser compreendida como um estudo do próprio homem, pois quem faz a ação é o homem tal qual as atitudes virtuosas (ARISTÓTELES, 2021) a partir da *proairesis*, porém, como já dito por Aristóteles afirmando que o “[...] estado de caráter relacionado com a escolha, um desejo deliberado, tanto no raciocínio deve ser verdadeiro como reto o desejo para a escolha ser boa” (ARISTÓTELES, 2021, p.133).

Todavia, é ainda no homem que recai o problema do ato e que se fundamentará na antropologia aristotélica de que o homem “[...] é princípio da *decisão racional (proairesis)*, que é um complexo de intelecto desejante (*orexis nous*) e desejo refletido (*orexis dianoetike*)” (PERINE, 2006, p. 66), ou seja, “[...] o homem remete a si próprio o princípio da ação, e o remete àquela parte de si próprio que comanda, isto é, o intelecto, pois é esta que decide” (PERINE, 2006, p. 67).

Tanto é que ao retornar ao diálogo de Frodo com Gandalf percebe-se que a história se transpassa por uma caminhada do herói enquanto visão antropológica. Ao colocar o pequeno hobbit como sendo o escolhido para levar o Anel para o Monte da Perdição, o Mago está o fazendo decidir acerca de algo que ele mesmo não sabe o que é, mas por uma decisão racional ele transforma o seu desejo em um bem (mesmo passando por dificuldades que o levam a se questionar acerca da sua missão). Porém, até o capítulo *A Ponte de Khazad-dûm* de *A Sociedade do Anel*, a Demanda⁵ depende excepcionalmente do conhecimento, e sabedoria de Gandalf, pois em termos aristotélicos o Mago Cinzento, é “[...] o homem sábio que conhecerá não somente o que procede dos primeiros princípios, mas também possuirá a verdade sobre tais princípios” (ARISTÓTELES, 2021, p. 138) e após sua morte é quando cada membro deverá crescer enquanto sujeito deliberativo do ato. Não se pode ter um crescimento virtuoso ou vicioso dos outros heróis sem a morte icônica de Gandalf, porém no segundo livro *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*, no capítulo *O Cavaleiro Branco*, narresse a volta de Gandalf, não mais como um Mago Cinzento, mas como um Mago Branco e, na concepção mitológica de Tolkien, isso é deveras importante porque o Mago é considerado um *Istari* (aquele que sabe), “[...] emissário dos Senhores do Oeste, enviado à Terra-Média, à medida que a grande crise de Sauron surgia no horizonte” (CASAGRANDE, 2018, *apud.* TOLKIEN.J.R.R.; CARPENTER (Org.), TOLKIEN, C. (Assit.), 2010, p. 194); se sacrificando pela Demanda, ele retorna “[...] de forma que todos os seus traços estavam eclipsados” (TOLKIEN, 2020, p. 727-728) elucidando a forma mais elevada da atividade virtuosa, que é a ação do ato intelectual da contemplação, pois ele

⁵ Outro nome dado pela Sociedade formada no capítulo 2 do livro II de *O Senhor dos Anéis: A Sociedade do Anel*.

exercita e cultiva a razão e está num melhor estado de espírito, diferente dos homens comuns que obedecem ao que é correto por medo (ARISTÓTELES, 2021).

Ademais, percebesse que em *O Senhor dos Anéis* a partir do princípio da aplicabilidade, temos dois modos de se fazer e refletir a sabedoria prática: a humildade e a prudência; uma conquistada pelas atitudes e a outra pela experiência vivida. Isso se faz presente nas obras de Tolkien, pois o mesmo buscava em seus escritos proporcionar uma filosofia antiga e medieval, sobretudo na apologética cristã de São Tomás de Aquino (CASAGRANDE, 2018). O protagonismo tanto em *O Hobbit* quanto em *O Senhor dos Anéis* se recaí sobre a figura misteriosa dos hobbits, “[...] um povo discreto, mas muito antigo, mais numerosos antigamente do que hoje em dia; pois amam a paz e a tranquilidade e boa terra lavrada” (TOLKIEN, 2020, p.37), Tolkien os descreve como sendo um povo que nunca se envolve nas coisas da Terra-Média, por isso eram um povo esquecido que gostavam de fazer várias festas; não possuíam altura maior que três pés⁶, por isso eram também chamados de Povo Pequeno (TOLKIEN, 2020), mas é a partir de Bilbo Bolseiro (protagonista em *O Hobbit*) e Frodo que Gandalf vê esperança para os males que assolavam o mundo; em um, o temível Smaug e o outro Sauron. O que levou a Gandalf depositar a inteira confiança em seres pequenos no destino do mundo? É isso que Cristina Casagrande aborda em seu livro que, “[...] os maios fortes na história de Tolkien são justamente os humildes: Frodo é apenas um Hobbit, a espécie mais esquecida da Terra-Média” (CASAGRANDE, 2018, p.59) então a característica do caráter virtuoso estará nas boas ações praticadas pelos maios pequenos, e isso caracterizará também a amizade que se terá. (CASAGRANDE, 2018).

O exercício virtuoso presente nas atitudes dos hobbits da Demanda (Frodo, Sam, Merry e Pippin) vão repercutindo ao decorrer de toda a história aludindo feitos de coragem e de honra, se tornando exemplo de ser seguido, pois “[...] demonstram confiança nas condições correspondentes, é bravo, pois sente e age de acordo com os méritos do caso e do modo como a regra estabelece” (ARISTÓTELES, 2021, p. 68) e mereceram os louvores de todos que participaram da batalha em Mordor, relatado no capítulo *O Campo de Cormallen* em *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei* (TOLKIEN, 2020). O que é o oposto do apresentado pela atitude de Boromir, quando influenciado pela tentação do Anel tenta retirá-lo a força de Frodo porque sentia que se possuísse o objeto ele poderia vencer sozinho o perigo de Sauron e ainda ser rendido de honras e títulos ao retornar à sua casa como o herói da Terra-Média (TOLKIEN,

⁶ O autor define que três pés é o que equivale a cerca de 90 centímetros.

2020), porém a torpe ganância o fez morrer pelas mãos dos inimigos ao tentar se redimir sobre a sua atitude.

Da mesma forma, a prudência é vangloriada principalmente nos episódios em que existem as batalhas. Retornando à vida de J.R.R.Tolkien, ele participou da Primeira Guerra Mundial e as atrocidades da guerra influenciaram a descrição das batalhas ocorridas em *O Senhor dos Anéis* (CASAGRANDE, 2018) e ele via a virtude da prudência como fonte de esperança para a vitória do bem contra o mal.

Embora seja um termo tomásiano, a prudência que “[...] é a reta razão, que nos guia nas nossas ações” (*ST. II, q. 57, a.4*) é extraída da *phronesis* aristotélica a qual está sendo praticada como a virtude da temperança que “[...] é um meio-termo em relação aos prazeres” (ARISTÓTELES, 2021, p. 74), ou seja, o home temperante é aquele que não sofre pela “[...] ausência do que é agradável nem com sua abstinência” (ARISTÓTELES, 2021, p. 77) ele sabe se posicionar em relações aos elementos apetitivos, harmonizando-os com o princípio racional. É a temperança e a prudência que se correlacionam na escolha correta no momento em que a esperança se esvai da história, são essas virtudes que irão constituir o *evangelium*, a Consolação para se chegar a *eudaimonia* (TOLKIEN, 2020) representado principalmente pela figura de Aragorn, o herdeiro do trono de Minas Tirith e que no momento mais aterrador da batalha ele salva aqueles que ama escolhendo se ausentar por um tempo para poder conseguir reforços para a vitória (TOLKIEN, 2020).

Todavia, os feitos virtuosos não ausentam que se tenha erros e quedas, já que mesmo Frodo quase completando a sua missão é tentado pelo Anel e cai em seus vícios necessitando da ajuda de Sam para concluir a sua missão. Simboliza aqui que a história de Tolkien não é como as demais histórias fantasiosas, mas demonstra aquilo que até é indicado por Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, que o homem é frágil e recai diversas vezes no vício; as personagens de *O Senhor dos Anéis* são repercussões do próprio homem, exemplo disso é de Gandalf, mesmo sendo o mais sábio do grupo perece diante de uma escolha errada. Por isso os momentos *dicatastróficos* também fazem parte para se chegar ao fim *eucatastrófico* e assim à felicidade que é a derrota do Inimigo (CASAGRANDE, 2018).

4. A amizade na história e suas implicações

Após refletir largamente sobre a ética, Aristóteles emerge com a questão da amizade, pois para ele, ela se constitui como virtude, já que é necessária para viver

(ARISTÓTELES, 2021) e mais, “[...] também é nobre, pois louvamos aqueles que amam seus amigos, e consideramos uma coisa boa ter muito deles. Pensamos além disso, que as mesmas pessoas são bons homens e bons amigos” (ARISTÓTELES, 2021, p. 182). Cristina Casagrande compara a definição aristotélica de amizade e a percebe também em *O Senhor dos Anéis*, visto que “[...] é condição necessária para que suas histórias aconteçam” (CASAGRANDE, 2018, p. 25) e, no capítulo intitulado *Jornada para a Encruzilhada*, Frodo diante de Faramir diz: “Certamente não esperava amizade como a que demonstraste. Encontrá-la transforma o mal em grande bem” (TOLKIEN, 2020, p. 993).

A bondade que é vinculada a ter amigos gera um desejo de não apenas agir de acordo com o bem que se pensa, mas sim desejar o bem no interesse do outro (ARISTÓTELES, 2021), por isso, quando em *A Sociedade do Anel*, os hobbits Sam, Merry e Pippin confessam a Frodo que sabem sobre o estranho objeto que ele porta e dizem que poderia confiar neles para guardar o segredo já que eles eram seus amigos (ARISTÓTELES, 2021). Essa *epimeleia* (interesse) que eles tiveram ao cuidar que seu amigo ficasse bem, desperta a questão do interesse que Aristóteles coloca em sua obra, porque demonstra que o outro é importante e além disso que se deseja o bem do outro, “[...] tem interesse por aquilo que é importante para seu companheiro, tem atenção nos detalhes para com o outro, porque o que interessa ao amigo lhe interessa também” (CASAGRANDE, 2018, p. 149). Diante dessa estimativa por aqueles que amam (porque o amor é semelhante a amizade), Aristóteles elenca três tipos de amizade: a amizade por igual, a qual exercem um amor mútuo e desejam o bem um ao outro; a amizade por utilidade que amam por virtude de algum bem; e a amizade por prazer, que se torna não pelo caráter, mas pelo que se é agradável.

Dos dois últimos tipos de amizade, Aristóteles dirá que o são por acidente, pois “não é como homem que a pessoa amada é amada, mas como algo que proporciona algum bem ou prazer” (ARISTÓTELES, 2021, p. 184). O acidente pode ser de três formas; ou porque as coisas podem ser ditas por acidente, ou porque o acidente existe no ser, ou porque ele existe enquanto está predicado (AQUINO, 2017, *apud Meta*. V, 1017 a 20). Então se quando se diz “a amizade é uma virtude”⁷, o predicado virtude já se encontra no ser da amizade já que é seu princípio, diferentemente se se dissesse, a amizade é uma utilidade ou a amizade é um prazer, ambos os predicados são acidentes, pois se dizem sobre o sujeito algo que não é do seu ser e isso se dá porque “[...] todos os homens, ou a maioria deles, desejam o que é nobre mas escolhem o que é vantajoso” (ARISTÓTELES, 2021, p. 203).

⁷ **Grifo nosso**

Em primeiro, a amizade por utilidade é expressa indefetivelmente em Sméagol/Gollum. O Anel para Gollum é uma espécie de prêmio ganhado por sua maldade, ele foi o Portador que mais reteu o objeto para si e isso o foi modificando tanto fisicamente quanto interiormente, diz em *A Sociedade do Anel* que já não conseguia mais ficar de pé e andava se arrastando como um verme pelas cavernas escuras (TOLKIEN, 2020). A sua conduta é péssima e apenas pensa em seu Precioso, então ao ser capturado por Frodo e Sam jura que irá levá-los para o Monte da Perdição, porque viu em Frodo uma piedade para com ele, porém arquiteta em segredo uma forma de usurpar o seu Precioso. A união de interesse que se surge não é a como apontada por Aristóteles, mas essa união se dá por causa do objeto. O que depende em virtude da atividade é que o objeto da ação, nesse caso o Anel, se torna meio para mostrar o caráter de cada um desse trio; a Gollum que não se importa com o bem do próximo e sim até quanto estará disposta a se portar como um ser bom para ter o que lhe pertence, a Frodo que mesmo sendo um exemplo de virtude ao ter compaixão de Sméagol e o deixar viver, se sente influenciado pelo Anel e de súbito menospreza o seu fiel companheiro Sam; e Sam que vê a maldade de Sméagol e a fraqueza de seu patrão e prontamente o ajuda a se livrar dessa criatura. A ambição, diz Aristóteles, leva a se desejar ser amado que amar (ARISTÓTELES, 2021) e vendo essa relação tripla percebe-se que nunca poderia se formar uma amizade porque Gollum é egoísta e só pensa em si, sendo que o princípio de amizade é de querer o bem para o outro.

Outro tipo de amizade que Aristóteles traz é a baseada nas paixões, como quando Boromir por um impulso de suas emoções não age racionalmente e tenta usurpar o Anel de Frodo (TOLKIEN, 2020), ou também nas relações políticas que existem em *O Senhor dos Anéis* que por diversas vezes tange o mal na Terra-Média. No capítulo *A Pira de Denethor* no livro *O Retorno do Rei*, depois de receber em seus braços o seu último filho morto Denethor, Regente de Gondor, tem uma crise de loucura e leva o corpo de seu filho e ele próprio para as piras para serem queimados vivos, Gandalf chega a tempo e pergunta a Denethor o porque estava fazendo aquilo e ele diz: “Desejaria que as coisas fossem como foram em todos os dias de minha vida, respondeu Denethor, e nos dias de meus antepassados antes de mim: ser Senhor deste Cidade em paz, e deixar meu assento a um filho depois de mim, que fosse seu próprio senhor.” (TOLKIEN, 2021, p. 1232)

Aqui percebe-se que Denethor não queria deixar o seu posto e inflamado por sua cólera revela que na verdade nunca amou o seu povo e estava em sua posição o quanto fosse agradável já que não iria se ajoelhar diante de outro senhor. A amizade para Aristóteles não é apenas em uma relação de uma pessoa com outra, envolve a questão da cidade e como seu governante atua

com seus cidadãos, já que “[...]Embora seja importante que um único homem atinja esse fim, é melhor e mais divino obtê-lo para uma nação ou para as cidades-Estado” (ARISTÓTELES, 2021, p. 11). Assim, aquilo que deve reger um Estado são as virtudes, principalmente daquele que governa e a partir da justiça sendo que “[...] a forma mais verdadeira da justiça é considerada uma espécie de amizade” (ARISTÓTELES, 2021, p. 182). Então quando Denethor deixa ser influenciado pelas suas paixões ele não pratica um ato de justiça com o seu povo o levando a não ser de igual para com seus súditos e demonstrando que a sua regência era baseada na ambição de possuir o bem que lhe é agradável.

O último tipo de amizade, que não é por acidente e sim é necessária para se ter uma relação amigável, é a que rege toda a história. A Sociedade do Anel foi criada em vista de um bem comum e ao passar do tempo os membros acabam se tornando íntimos um do outro desejando somente o bem. Uma relação curiosa da sociedade é a de Legolas e Gimli, um elfo e um anão, que por história suas raças eram inimigas, mas pelo princípio da proporção ao qual apesar de serem diferentes em raças e como seres individuais, igualam-se as partes e constituem uma amizade sadia. Merry e Pippin depois de se perderem da Comitiva por terem sido capturados pelos Orcs, o vínculo entre eles se intensifica sendo crucial a amizade deles na queda de Isergard (TOLKIEN, 2020). A coragem e a nobreza que os hobbits demonstram indo para a guerra ressalta que a amizade baseada no caráter virtuoso é verdadeira e, mesmo quando se separam pela batalha quando se encontram, a relação não muda (ARISTÓTELES, 2021). Ademais, dentro dessa dinâmica de interesse mútuo, Aristóteles ressalta existir uma amizade perfeita quando “[...] dos homens que são bons e semelhantes em virtude, pois desejam o bem uns aos outros quando são bons em si mesmos” (ARISTÓTELES, 2021, p. 185).

5. Considerações finais

A amizade pensada por Aristóteles desde o século IV a.C, não é uma realidade temporal condicionada apenas aos que viviam em sua época, de igual maneira o conceito de *philia* vai sendo construindo juntamente com a história sendo pronto crucial de nosso interesse pelo outro.

Vendo a necessidade de abordar novamente este tema em seus escritos J.R.R. Tolkien recorda não só a *philia* grega, mas a transforma em centralidade de acontecimentos de suas histórias, como é o caso do livro refletivo em conjunto *O Senhor dos Anéis*. Só podemos aproximar a filosofia da fantasia através da aplicabilidade a qual nos permite trazer a realidade de nosso Mundo Primário ao Mundo Secundário que é em si verdadeiro.

Percebe-se que, a fantasia não exclui a realidade, mas a projeta de acordo com aquilo que se pensa dela na mente de cada um, por isso é possível se criar vastos mundos que em suma não fogem daquilo que sensivelmente se percebe. Por isso, enquanto parte da ação do homem, as virtudes se apresentam em sua totalidade nos atos dos personagens e mais, não mostram apenas um conto de uma batalha entre o bem e o mal, mas uma batalha interior em que pela escolha individual vai tecendo o destino final da Demanda.

No mundo de hoje encontrar alguém que vê no outro o próprio eu e por isso quer o seu bem é difícil pelo mesmo motivo que é quase impossível encontrar uma amizade perfeita como a de Frodo e Sam, pois “[...] Cada homem, desejando vantagens para si mesmo, critica o seu semelhante e a ele opõe obstáculos” (ARISTÓTELES, 2021, p. 217).

Talvez nunca possamos entender como surge a reciprocidade entre duas pessoas que se tornam amigas, talvez ainda não estejamos prontos para viver uma amizade social, em que se deseje o bem comum, porém ela vai sendo construída na abertura para o diferente e nessa poderemos encontrar um caminho virtuoso de crescimento mútuo.

Referências bibliográficas

AQUINO, Tomás de. *Comentário à Metafísica V-VIII*. Campinas: Vide Editorial, v. 2, 2019.

_____, Tomás de. *Suma Teológica I*. São Paulo: Fonte Editorial, v.1, 2020.

ARISTÓTELES. *De Anima*. Lisboa: Edições 70, 2001.

_____. *Ética a Nicômaco*. Jandira: Principis, 2021.

BATALHA do Somme: um dos mais duradouros e sangrentos conflitos da Primeira Guerra Mundial. São Paulo, 01 de set. de 2019. Disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-batalha-do-somme-conflitos-primeira-guerra-mundial.phtml>. Acesso em: 25 de ago. de 2022.

CASAGRANDE, Cristina. *A amizade em o Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

CASAGRANDE, Cristina. *Em boa companhia: A amizade em o Senhor dos Anéis*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2017.

CATUNDA, R.R.B. *Considerações iniciais sobre Eudaimonia e as excelências na Ética a Nicômaco*. Polymatheia Revista de Filosofia, Fortaleza, v.4, n.5, p. 127-144, 2008.

ISIDRO, Pereira S. J. *Dicionário grego-português e português-grego*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 5ª edição, 1976.

PERINE, Marcelo. *Quatro lições sobre a ética de Aristóteles*. São Paulo: Editora Loyola, 2006.

REALI, Giovanni. *Introdução a Aristóteles*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

TOLKIEN, J.R.R. *Árvore e Folha*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

_____. *O Hobbit: uma jornada inesperada*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

_____. *O Senhor dos Anéis: A sociedade do anel*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

_____. *O Senhor dos Anéis: As Duas Torres*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

_____. *O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.